

LEONIDAS DEANE

Leonidas de Mello Deane é um exemplo da síntese ideal entre a sede de conhecimento e a vocação científica. Educado em ambiente doméstico harmonioso e sóbrio, propício à atividade intelectual, recebeu instrução primária e secundária em um dos mais conceituados colégios de Belém do Pará. Nessa época os estudantes secundaristas seguiam o chamado regime de preparatórios, e os alunos de colégios particulares, como era seu caso, eram obrigados a prestar exames finais de cada disciplina no ambiente neutro do colégio oficial. Foi assim que conheci Leonidas, sempre na companhia de Gladstone, seu irmão quase gêmeo, por ocasião dos exames de fim de ano no Ginásio Pais de Carvalho, hoje Colégio Estadual Pais de Carvalho, onde eu estudava. Os que mais de perto os conheciam comentavam sua reputação de excelentes alunos.

Em 1930 Leonidas e Gladstone entraram para a então chamada "Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará". Quando chegou a minha vez, no ano seguinte, cursavam o segundo ano. No terceiro ano ambos freqüentavam diariamente o Laboratório de Biologia da Santa Casa onde, sob a direção do Professor Antonio Acatauassú Nunes Filho, catedrático de Microbiologia e introdutor do laboratório de patologia clínica no Pará, tinham a rara oportunidade de exercitar-se em todos os tipos de exames requisitados pelas enfermarias do grande hospital geral. Além dessas tarefas, o laboratório fabricava alguns fármacos e vacinas. Entre as matérias cursadas no terceiro ano constavam microbiologia, parasitologia, patologia geral e farmacologia, todas relacionadas em grau maior ou menor às tarefas do Laboratório de Biologia. Não sei em que livros Leonidas estudava essas matérias. Só me lembro de que, enquanto em relação aos protozoários contentávamo-nos com a respectiva seção da clássica *Parasitologie* de Brumpt, Leonidas esmiuçava os dois alentados volumes da recém-lançada *Protozoology* de Wenyon. Exímio desenhista, não se limitava a estudar nos livros, procurando material original que descrevia em cadernos ilustrados em cores. Eu participava de um grupo que publicava um periódico intitulado *Acadêmico de Medicina* (se não me engana a memória), no qual um

dia apareceu um trabalho de Leonidas sobre um hemoproteu parasito dos eritrócitos da *Epicrates cenchris*. Contrastando com a maioria dos artigos com pretensão científica publicados por estudantes, que consistiam em compilações sobre assuntos de atualidade, o trabalho original de Leonidas deu muito que falar. Talvez por não serem os hemoproteídeos parasitos do homem, e por ser *Epicrates* um termo desconhecido, os mais desinformados, que eram muitos, tendo lido somente o título do artigo, especulavam sobre o hospedeiro com perguntas deste tipo: "Será uma onça? Será um tubarão?" Como se tratava da jibóia-vermelha, de distribuição predominantemente amazônica, e tendo em vista a alta especificidade dos hemoproteídeos, é provável que se tratasse de uma nova espécie de hematozoário. Não me lembro se foi assim considerada por Leonidas. O certo é que esse, ao que me consta, foi seu primeiro trabalho científico. Talvez por causa da aparente modéstia do assunto e pela obscuridade do jornalzinho, esse trabalho, salvo engano de minha parte, não consta de seu currículo. Mesmo parecendo sem importância, revela em seu nascedouro a vocação do autor para a pesquisa científica original.

É também desse tempo a elaboração de um texto avulso sobre pH. Formava um caderno altamente didático, explicando desde a teoria da dissociação eletrolítica na forma proposta por Ostwald e Arrhenius até sua aplicação por Sørensen para representar a concentração hidrogênio-iônica, e sua utilização na prática laboratorial. Apesar de conhecida desde 1909, a inovação de Sørensen parece ter demorado muito a difundir-se no mundo subdesenvolvido, pelo menos em nosso país. Contava-se mesmo a piada do colega (provavelmente também no repertório de outras faculdades de medicina) que, entusiasmado com a possibilidade de utilizar a nova técnica, dirigiu-se a uma farmácia para comprar dois mil-réis de pH. Esse caderno circulou por muitas mãos e dele se tiraram muitas cópias.

Além de desenhista, Leonidas era sutil caricaturista. Em nosso jornal mantínhamos uma seção dedicada em cada número a um professor, constando de um soneto sobre o personagem (escrito pelo Nery Guimarães) e

uma caricatura do mesmo pelo Leonidas. Na caricatura o que me impressionava não era tanto a expressão facial do representado como sua expressão gestual, tão bem captada em sua inerência que por si só permitia reconhecer o personagem.

Em 1933, ao cursar o terceiro ano da Faculdade, passei também a freqüentar o Laboratório de Biologia da Santa Casa. Nossas áreas de trabalho eram separadas: o Leonidas e o Gladstone no pavimento térreo, e eu no primeiro andar, onde funcionava o setor dirigido por Jayme Aben-Athar, professor da cadeira de Anatomia Patológica e regente da de Histologia e Embriologia. Como monitor de Histologia, cabia-me manter atualizado o material didático utilizado nas aulas práticas e fazer as respectivas demonstrações para os alunos. Além disso, participava das tarefas rotineiras do Laboratório. Infelizmente os desencontros de nossos horários na Faculdade e a necessidade de aproveitar ao máximo as horas disponíveis para os trabalhos do Laboratório só permitiam que nos encontrássemos ocasionalmente. Assim, quando após o quarto ano me transferi para Recife, perdi o contato com os colegas Deane.

Em 1934 Henrique Penna, trabalhando no Serviço de Febre Amarela da Fundação Rockefeller, verificou a ocorrência de 41 casos de leishmaniose visceral em 47.000 amostras de fígado, distribuídos pelas regiões Norte e Nordeste do país. Imediatamente foram feitos entendimentos entre a Fundação Rockefeller e o Instituto Oswaldo Cruz para a realização de pesquisas nas áreas indicadas, sendo criada uma comissão de pesquisadores do Instituto, chefiada por Evandro Chagas.

Durante suas andanças pelos focos de calazar, Evandro tentava obter apoio de instituições e governos locais para a montagem de uma base de operações mais estável em alguma dessas regiões, pois o desenvolvimento das pesquisas era restringido pela natureza itinerante da comissão. Quis porém o acaso que essas facilidades lhe fossem oferecidas apenas na região amazônica, onde a doença é menos freqüente. Assim, em novembro de 1936 foi criado pelo governo do Estado do Pará o Instituto de Patologia Experimental do Norte — hoje Instituto Evandro Chagas. Para povoá-lo havia que contratar pesquisadores locais, realmente inexistentes, e aí o talento de Evandro para identificar talentos foi buscar, entre os

que terminavam o curso universitário naquele ano e no próximo, nomes que hoje são conhecidos e respeitados no país e fora dele, como Leonidas Deane, Gladstone Deane, Felipe Nery Guimarães (meu companheiro no Laboratório de Anatomia Patológica), Maria Paumgarten (depois Maria Paumgarten Deane) e Benedito de Abreu Sá.

Um resumo das atividades desse grupo desde aquele ano de 1936 até 1949 encontra-se num artigo de Leonidas publicado no volume comemorativo do 50º centenário do Instituto Evandro Chagas. Ressalta desse resumo a alta produtividade científica desse pequeno grupo, fruto de intenso labor naquele fabuloso repositório de biodiversidade que é a Amazônia.

Quando em 1939 comecei a trabalhar com Evandro Chagas no Hospital de Manguinhos os três Deanes (Leonidas, Gladstone e Maria) estavam instalados em um consultório-laboratório estabelecido por Evandro no interior do Ceará, estudando a malária transmitida pelo *Anopheles gambiae* e a biologia do mosquito transmissor. Dois episódios ocorridos durante os trabalhos nessa área superendêmica entraram para o anedotário. Leonidas contraiu terçã maligna, ficando três dias inconsciente, quando uma cheia do rio Jaguaribe deixou isolado o posto de pesquisas, segundo suas próprias palavras, “por não ter feito uso adequado de Atebrina profilática”. Esse deslize custou-lhe uma multa de três dias de salário. A história, como me foi contada aqui no Rio, dizia que havia contraído a malária apesar de estar tomando atebrina, e que uma vez infectado parou de tomar a droga para estudar sua eliminação pela urina. Nessa época ainda não se sabia que as formas exoeritrocitárias do plasmódio, produtoras dos parasitos que entram nos eritrócitos e produzem os sintomas clínicos, não são destruídas pela atebrina. O outro episódio ocorreu durante uma visita do Dr. Fred Soper, superintendente da campanha contra o *Anopheles gambiae*, ao laboratório. Depois de lhe ser mostrado detalhadamente por Leonidas o belo trabalho que estava sendo feito sobre a biologia do mosquito, o Dr. Soper, achando que para trazer-lhe dores de cabeça já bastavam os mosquitos de fora do laboratório, pegou uma bomba de Flit e pulverizou o insetário.

Estas lembranças aqui alinhavadas referem-se a aspectos da personalidade de Leonidas

que não constam de seu currículo. Foi um pesquisador nato, cuja vocação foi adequadamente cultivada e que teve a sorte de estar disponível na hora exata em que surgiu a oportunidade de sua iniciação num programa para o qual estava perfeitamente preparado. Além de suas qualidades intelectuais e profissionais, certos traços de seu caráter contribuíam para modelar uma personalidade singular. Era ver-

dadeiramente modesto, raiando pela timidez, incapaz de uma ofensa, sempre disposto a ajudar. Nunca o ouvi falar mal de ninguém, assim como nunca soube de alguém que tivesse tido esse privilégio. Para mim Leonidas sempre representou a encarnação da pureza.

W. Lobato Paraense